

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

A PRODUÇÃO DE GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA LÍNGUAS INDÍGENAS: A EXPERIÊNCIA COM A LÍNGUA HALITI-PARESI

Edinaldo Costa de Jesus, Ana Paula Barros Brandão, Angelo Kezomae, Jurandir Zezokiware,
Elizandra Jéssica Silva Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8006>

Submetido em: 2024-02-14

Postado em: 2024-03-15 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**A PRODUÇÃO DE GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA LÍNGUAS INDÍGENAS: A
EXPERIÊNCIA COM A LÍNGUA HALITI-PARESI**

**THE PRODUCTION OF PEDAGOGICAL GRAMMARS FOR INDIGENOUS LANGUAGES:
THE EXPERIENCE OF THE PARESI-HALITI LANGUAGE**

Tipo de contribuição

Relato de experiência

Edinaldo Costa de Jesus¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2427-603X>

edinaldocostadejesus@gmail.com

Ana Paula Brandão²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1635-9929>

apbrandao@ufpa.br

Angelo Kezomae³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9787-8228>

angelo.kezomae@edu.mt.gov.br

Jurandir Zezokiware⁴

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6266-5000>

jzezokiware@gmail.com

Elizandra Jéssica Silva Oliveira⁵

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8081-1520>

profelizandra23@gmail.com

Resumo

Os materiais didáticos em línguas indígenas são uma demanda dos professores e escolas, uma vez que não são apenas fundamentais para o ensino da língua, mas valorizam a cultura oral e escrita, e conseqüentemente o fortalecimento da Língua. A Gramática Pedagógica requer um trabalho colaborativo feito por linguistas e professores falantes de sua Língua Materna.

¹ Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Letras, Belém, Pará. Contribuição do autor: Conceptualização; Curadoria de Dados; Análise Formal; Escrita – Rascunho original, análise e Edição.

² Universidade Federal do Pará, Faculdades de Letras e Programa de Pós-graduação em Letras, Belém, Pará. Contribuição da autora: Conceptualização; Curadoria de Dados; Análise Formal; Escrita – Rascunho original, Análise e Edição; Supervisão; Aquisição de Financiamento.

³ Secretaria de Estado de Mato Grosso. Contribuição do autor: Investigação; Escrita – Rascunho original.

⁴ Universidade Estadual do Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Contribuição do autor: Investigação; Escrita – Rascunho original.

⁵ Universidade Federal do Pará, Faculdades de Letras, Belém, Pará. Contribuição da autora: Conceptualização; Análise Formal; Escrita – Análise.

Levando também à reflexão sobre a prática da docência indígena e sobre como ampliar e desenvolver a compreensão metalinguística na Língua Haliti-Paresi. Neste artigo iremos apresentar os resultados do subprojeto da Gramática Haliti-Paresi, que está vinculado ao projeto de pesquisa “Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica” com foco no Desenvolvimento de Gramáticas Pedagógicas para Línguas Indígenas do Museu do Índio (Projeto 914BRZ4019). Consideramos as experiências obtidas, as dificuldades e as expectativas da implementação desse material didático. Ressaltando, principalmente, o trabalho colaborativo entre indígenas e linguistas, representando uma nova era e protagonismo dos Povos Indígenas. Com base no que apresentamos, possibilitar que a metodologia de ensino de língua das Gramáticas Pedagógicas, possa ser replicável para a produção de outros materiais didáticos. O material demonstrou grande potencial se aliarmos o aspecto cultural, que evidencia uma experiência de ensino mais próxima da cultura oral. Tornando o material mais didático e representativo das situações de comunicação linguística que estão presentes na realidade de vida desse Povo.

Palavras-chave: Fortalecimento linguístico. Línguas Indígenas Brasileiras. Gramática Pedagógica.

Abstract

Pedagogical materials in indigenous languages are a demand from teachers and schools, as they are not only fundamental for teaching the language, but they value oral and written culture, and consequently the strengthening of the language. Pedagogical Grammar requires collaborative work done by linguists and teachers who speak their mother tongue. It also leads to reflection on the practice of indigenous teaching and on how to expand and develop metalinguistic understanding in the Haliti-Paresi Language. In this paper, we present the subproject “Paresi-Haliti Pedagogical Grammar”, which is linked to the research project “Safeguarding the Linguistic and Cultural Heritage of Transfrontier and Recent Contact Indigenous Peoples in the Amazon Region” with a focus on the Development of Pedagogical Grammars for Indigenous Languages of the Indian Museum (Project 914BRZ4019). We consider the experiences obtained, the difficulties and expectations of implementing this teaching material. Mainly highlighting the collaborative work between indigenous people and linguists, representing a new era and protagonism of Indigenous Peoples. Based on what we have presented, the Pedagogical Grammars language teaching methodology can be replicated for the production of other teaching materials. The material demonstrated great potential if we combine the cultural aspect, which highlights a teaching experience closer to oral culture. Making the material more didactic and representative of linguistic communication situations that are present in the reality of these People's life.

Key-words: Language Revitalization. Brazilian Indigenous Languages. Pedagogical Grammar.

Introdução

A Gramática Pedagógica da Língua Haliti-Paresi é resultado de pesquisa de subprojeto vinculado ao projeto “Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica” com foco no Desenvolvimento de Gramáticas Pedagógicas para Línguas Indígenas do Museu do Índio (Projeto 914BRZ4019). O projeto, que foi realizado durante o período de um ano até novembro de 2023, visava

promover a salvaguarda do patrimônio cultural e a revitalização linguística de povos indígenas da Amazônia Legal com a produção de materiais didáticos qualificados para uso em escolas indígenas. Outras quatro línguas fazem parte desse projeto maior, as línguas Djeromitxi, Sakurabiat, Wai wai e Wayoro. A produção de gramáticas pedagógicas pelo Museu do Índio é uma continuação de projeto realizado entre 2013 e 2015 com as línguas Ikpeng, Karajá, Kawaieté e Wapichana.

O Paresi-Haliti (*Glottolog code*⁶ pare1266, latitude -14,59 e longitude -57,41) é uma língua indígena pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de mesmo nome localizada em nove terras indígenas: Rio Formoso, Utiariti, Estação Parecis, Estivadinho, Pareci, Juininha, Figueira, Ponte de Pedra e Uirapuru, no estado do Mato Grosso. Segundo dados do site enciclopédia dos Povos indígenas, a população era de 2138 em 2014 (Siasi, Sesai). Atualmente, estima-se que a população seja de aproximadamente 3000 pessoas distribuídas em 74 comunidades. A gramática foi produzida por professores indígenas das Terras indígenas Rio Formoso e Pareci.

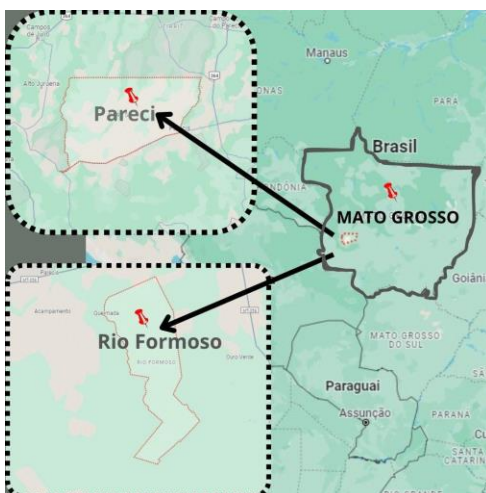


Figura 1. Localização Terras Indígenas do Povo Paresi

Estima-se que em torno de 90% desta população é bilíngue com diferentes graus de fluência em sua língua materna e em Português, sendo a língua materna, a língua principal e a mais utilizada em diferentes contextos sociocomunicativos em um número considerável de comunidades. Estas comunidades apresentam graus diferentes de bilinguismo, dependendo do tipo de contato que tiveram na época da colonização. Por exemplo, em comunidades da Terra indígena Utiariti é possível observar o uso quase exclusivo da língua Portuguesa em diferentes contextos comunicativos e o uso da língua materna em alguns contextos. Há comunidades como

⁶ A *Glottolog* fornece um catálogo abrangente das línguas, famílias linguísticas e dialetos do mundo. Atribui um identificador único e estável (o Glottocode) a (em princípio) todos os languóides, ou seja, todas as famílias, línguas e dialetos

a Wazare, que começaram recentemente um processo de revitalização através do ensino da língua Paresi por professores de outras comunidades. A maioria das comunidades, a exemplo da comunidade Rio Formoso, localizada na Terra Indígena Rio Formoso (ao sul do território Paresi), apresenta um cenário oposto, em que constatamos fortemente um alto grau de bilinguismo e fluência em língua materna e português, sendo a língua materna, a principal e mais utilizada por todos os membros da comunidade, desde a mais tenra idade e em diferentes contextos comunicativos.

Alguns dos principais trabalhos sobre a língua Paresi são: Rowan & Burgess (1969), Kezomae (2006), Silva (2009, 2013) e Brandão (2010, 2014), e trabalhos mais recentes sobre a língua são os de Lima-Sosinho (2018), Mesquita (2016; 2017; 2018; 2023), Pereira (2018) e Zezokiware (2018; 2023). Atualmente, há um projeto de dissertação de mestrado sendo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA sobre a gramática pedagógica. Há poucos materiais pedagógicos, como os produzidos por Paresi e Januário, (2011), Silva (2014) e outros dois materiais organizados por Zorthêa et al. (2000).

A gramática Paresi visa atender em parte às necessidades de materiais pedagógicos para a língua em questão, além de trazer contribuições para o debate sobre a produção de gramáticas pedagógicas para línguas indígenas. Essa gramática ainda está em processo de revisão e será usada como apoio nas escolas de ensino fundamental e médio das comunidades Paresi. A necessidade de materiais pedagógicos e de uma literatura específica que trata sobre o design e preparação desses materiais é apontada por trabalhos como Amaral (2020) e Rubim (2016). Segundo Rubim (2016), pesquisadora indígena e professora da UnB, desde a Constituição Federal de 1988 que instituiu a educação escolar diferenciada nas escolas das comunidades indígenas, essas escolas passaram ser gerenciadas pelos próprios indígenas e a ter mais autonomia em seu gerenciamento, sendo consideradas também como um instrumento de fortalecimento linguístico. Com essa mudança, surgiu uma forte reivindicação pela formação de professores e produção de materiais pedagógicos específicos. Desde que a formação superior passou a ser mais acessível para os indígenas por meio das Faculdades Interculturais Indígenas, cada vez mais os professores indígenas são incentivados a trabalharem na elaboração desses materiais para uso em sala de aula e ao mesmo tempo como forma de valorização da língua. A produção de materiais didáticos é uma forma de apoio aos programas de revitalização

linguística, uma área de pesquisa que tem crescido muito recentemente, principalmente com a instituição da Década das Línguas Indígenas (2022-2032) pela UNESCO⁷.

A primeira seção apresenta informações gerais sobre a dinâmica do projeto. Na subseção 1.1 apresentamos a metodologia utilizada e na subseção 1.2 como ocorreu a produção das unidades da gramática durante as oficinas. A seção 2 descreve os resultados com as pesquisas, evidenciando na subseção 2.1 “O índice da gramática”, onde elencamos os tópicos gramaticais que serão abordados em cada unidade, já na subseção 2.2 “Estrutura da gramática” explicamos as divisões dentro das unidades, que seguem uma ordem para didatizar o ensino dos conteúdos gramaticais, e para trabalhar em conjunto a linguística, o ensino e atividades; na subseção 2.3 esclarecemos sobre o “acervo digital” e a documentação gerada pelo projeto. Na seção 3, explanamos sobre os desafios e perspectivas enfrentados na adaptação de uma proposta para a criação de material pedagógico em Língua Indígena, esperando que a mesma possa ser replicada em outros projetos com línguas indígenas.

1 A DINÂMICA DO SUBPROJETO DA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA PARESI-HALITI

A inserção da Haliti Paresi ao segundo projeto de Gramáticas Pedagógica do Museu do Índio, se deu pela vasta documentação linguística que a Língua tem, fator preponderante para um trabalho com discussões gramaticais, ao mesmo tempo que existe um quadro de pessoas engajadas em trabalho com ensino e pesquisa do Haliti-Paresi, e que, sem o vínculo com esses recursos humanos não seria possível o prosseguimento do projeto, mesmo que só linguistas tenham o interesse, por se tratar de um trabalho colaborativo, sem o povo, não poderíamos agregar muito sobre os contextos de comunicação mais usuais em que a Língua apresenta-se no dia a dia.

Por ser um trabalho colaborativo, a familiaridade entre a equipe de pesquisadores é um dos motivos da boa execução do trabalho com a Gramática. Os pesquisadores Indígenas Angelo Kezomae e Jurandir Zezokiware têm uma estreita relação com a coordenadora Ana Paula. Em momentos anteriores já discutiam a possibilidade de produção de material didático para ensino de Língua Materna. De certa forma, já havia uma cobrança do Povo para com a pesquisadora Ana Paula em um projeto que tivesse um retorno efetivo à comunidade. Um

⁷ **UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Seu principal objetivo consiste em apoiar a criação e a implementação de políticas públicas que estejam de acordo com as estratégias definidas pelos Estados-membros da UNESCO. Também realiza atividades culturais que procuram a salvaguarda do patrimônio cultural, o estímulo da criação e a criatividade e a preservação das entidades culturais e tradições orais, assim como a promoção dos livros e a leitura.

desses retornos foi a viabilidade de uma material para escola, que pudesse auxiliar os professores no ensino, e era uma demanda que os professores também solicitaram da secretaria de educação do Estado do Mato-Grosso.

No edital N°007/2022 em que o Paresi- Haliti foi contemplado, com tempo estimado de duração dentro de um ano. Alguns requisitos foram exigidos, entre eles estão a qualificação educacional e experiência profissional por parte do pesquisador coordenador do projeto, dos pesquisadores colaboradores e indígenas. Essas exigências são fundamentais porque vão de encontro com as diversas atividades que foram realizadas, as quais mencionamos algumas: **1.** Curso Superior completo em Letras, Linguística ou outras áreas relacionadas com os objetos do Projeto, sendo desejável pós-graduação finalizada ou em curso nas áreas de concentração previstas no Edital, preferencialmente com área de concentração em Línguas Indígenas, entre outras relacionadas com os objetos do Projeto; Comprovada experiência profissional nos campos da diversidade linguística, especialmente em pesquisas de documentação linguística com populações indígenas, sendo desejáveis experiências profissionais no desenvolvimento de oficinas e atividades de formação para indígenas, na coordenação de equipes de pesquisadores e bolsistas, no acompanhamento e avaliação de trabalhos de produção técnico-científica, preferencialmente relacionados com o patrimônio cultural dos povos indígenas envolvidos no Projeto e relacionada com projetos de documentação, salvaguarda e divulgação de línguas e culturas de povos indígenas da Amazônia Legal.

Função no Projeto	Pesquisadores	Qualificação	Tempo de Pesquisa com a Língua	Naturalidade
Coordenadora	Ana Paula Brandão	Pós-Doutorado	17 anos	Não Indígena
Professor Pesquisador	Angelo Kezomae	Graduação	23 anos	Indígena
Professor Pesquisador	Jurandir Zezokiware	Mestre	17 anos	Indígena
Colaboradora	Amanda Mesquita	Mestre	8 anos	não indígena
Colaborador	Edinaldo de Jesus	Mestrando	4 anos	não indígena
Colaboradora	Elizandra Jéssica	Graduando	2 anos	não indígena

Tabela 1. Perfil da equipe do Projeto de Gramática Pedagógica Haliti-Paresi

Dentre os trabalhos e realizações para execução do Projeto, estão a entrega de relatórios, documentos oficiais; como o de anuência e autorização de trabalho na Terra Indígena, reuniões e oficinas em que discutimos as questões linguísticas, estrutura e metodologia da Gramática. Além de registrar esses trabalhos por meio de fotografias e filmagens.

O projeto iniciou em 2022, quando houve uma reunião em Belém com o coordenador Geral, Luiz Amaral para apresentação da metodologia aos Povos que seriam aptos a participarem dos projetos. Onde a primeira oficina extraoficial em que tivemos uma introdução prática para a produção de materiais didáticos. Em novembro de 2022, em Belém, obtivemos experiências com o coordenador Geral e seu trabalho com Povos do México e do Brasil com o qual trabalhou. Participaram os subcoordenadores dos projetos conjuntamente com os representantes dos Povos Indígenas. Foi produzida a primeira unidade. Criamos textos, atividades e uma primeira atividade pôde ser esboçada.

Com o resultado de aprovação ao Projeto foram impostas algumas exigências a nossa equipe de trabalho. Dessas orientações, todas eram solicitações do Museu do Índio denominadas de produtos, que consistem em entrega de documentos, relatórios e avaliações do andamento do trabalho. Por uma questão organizacional e comprometimento com a UNESCO. No total foram 4 produtos solicitados, em que se referiam ao acervo documental e técnico relacionados às atividades que foram feitas para entrega dos produtos.

1.1 Metodologia

A Gramática Pedagógica Paresi constitui-se de 20 unidades elaboradas na própria língua indígena, que explicam o funcionamento e o uso de algumas estruturas gramaticais da língua, a partir de uma metodologia que prioriza contextos comunicativos reais de uso da língua. A gramática em questão, é, portanto, diferente de uma gramática descritiva, que já foi elaborada por Brandão (2014). Na metodologia proposta, evita-se o uso de metalinguagem, isto é, de termos e de conceitos técnicos linguísticos para a explicação das estruturas apresentadas na gramática. As definições e explicações foram elaboradas em linguagem acessível aos professores indígenas – que em sua maioria não têm uma formação específica no campo da Linguística – a partir do seu uso, seguindo o framework apresentado por Amaral (2020b).

Amaral (2020b) é um dos primeiros trabalhos a propor uma metodologia para preparação de materiais didáticos que contempla os contextos indígenas, pois leva em consideração além de aspectos linguísticos, características culturais e educacionais específicas que podem afetar diretamente as propriedades dos materiais necessários. A metodologia utilizada na produção da Gramática contempla os três aspectos - linguístico, cultural e

pedagógico da etnia Haliti-Paresi. De acordo este framework, seis tipos de informações são essenciais na preparação de materiais pedagógicos: (i) contexto de uso; (ii) objetivos pedagógicos do material; (iii) modelo do usuário; (iv) teoria da aprendizagem; (v) metodologia de ensino e (vi) teoria da linguagem.

Há dois contextos de uso da língua Paresi: um onde a língua é falada como primeira língua no cotidiano e outro em que ela está sendo ensinada apenas na escola como segunda língua. Como os professores que participaram da elaboração deste material são de comunidades com o perfil sociolinguístico em que os falantes são bilíngues, sendo a língua indígena a primeira língua (L1) e o português a segunda (L2), considerou-se que a gramática estaria direcionada a essas comunidades. O que preocupa os Paresi é que mesmo nessas comunidades, onde a língua está tendo uma boa transmissão, ela não está sendo mais predominante em todos os possíveis domínios de uso, a exemplo dos contextos de práticas culturais. Outra preocupação é sobre a existência de poucos materiais pedagógicos que possam ser utilizados nas disciplinas de Ensino de Língua Materna e História Indígena. Sendo assim, o objetivo do material é, principalmente, servir como material de apoio para o ensino da língua na educação formal, além de contribuir com a manutenção/revitalização de usos da língua e ampliação para outros domínios de uso mais atuais.

Outro ponto importante na preparação de materiais pedagógicos é a escolha da teoria e metodologia de ensino, considerando-se se o aprendizado da língua é como L1 ou L2. Os materiais que contemplam o ensino de L1, como no nosso caso, visam contribuir para uma maior capacidade de expressão oral e escrita através do desenvolvimento do letramento. A gramática pedagógica facilita a aprendizagem das estruturas gramaticais pelos falantes e o uso das mesmas na produção oral e escrita, pois a estrutura gramatical é trabalhada dentro de um contexto de comunicação, seguindo a abordagem comunicativa. Esta é a abordagem presente nas gramáticas de uso, segundo a qual as propriedades semânticas são fundamentais para a apresentação de formas morfossintáticas e fonológicas, ou seja, o aprendizado se dá a partir do significado para a forma. Adotamos as teorias de aprendizagem do input contextualizado (VANPATEEN, 2007), já que cada unidade começa com contextualização do uso da forma gramatical e há também atividades contextualizadas. Também adotamos o aprimoramento da entrada ou input enhancement (SHARWOOD SMITH, 1993), que consiste em uma estratégia pedagógica de marcar uma característica gramatical em foco para obter a atenção do aprendiz. Mais detalhes sobre como foram estruturadas as unidades serão dados na seção xxx.

As experiências obtidas durante o desenvolvimento deste subprojeto mostram que é fundamental o diálogo entre os pesquisadores (indígenas e não-indígenas) e a comunidade de fala no processo de assessoria linguística e pedagógica do material, para que juntos possam decidir sobre os seis aspectos apontados em Amaral (2000b). Ainda, segundo Costa (2021), a relação entre pesquisador e professor indígena, que se dá pela colaboração mútua dos dois, que ambos devem ter a percepção de como estruturar, agrupar atividades, textos, narrativas etc. trabalho que deveria idealmente ser realizado pelo próprio professor indígena. Dessa maneira, poderiam produzir seus próprios materiais para a mais importante tarefa, destacar o aspecto principal na produção de LD para povos indígenas – a cultura. Portanto, no que concerne ao aspecto cultural, que é importante para trabalhos com povos indígenas, esse elemento deve estar presente no conteúdo, seja por histórias, narrativas e um *design* como estes serão apresentados no material: textos, apresentações e atividades. A produção desses materiais foi voltada para o uso e reais necessidades das comunidades, dentro de uma perspectiva intercultural, e também decolonial, já que assume o protagonismo das línguas indígenas em sala de aula (GOMES, 2019).

Por último, é importante frisar que para a elaboração dessa gramática consideramos pressupostos da teoria linguística funcionalista, que foi a teoria que orientou também a gramática descritiva da língua. O planejamento linguístico para a elaboração da gramática incluiu duas partes: o planejamento de status e o planejamento do corpus. O planejamento de status é um dos primeiros passos, que começa com o levantamento do perfil sociolinguístico das comunidades. Aplicamos dois questionários, um que foi preenchido através de entrevista com o responsável de cada família nas duas comunidades participantes do subprojeto e outro questionário que foi aplicado com os coordenadores das escolas envolvidas. As informações sobre o perfil sociolinguístico da língua resultantes dos questionários foram apresentadas na introdução. Já o planejamento de corpus consiste na coleta de dados específicos para a gramática (textos, exercícios), o que foi feito durante as oficinas nas comunidades e em Belém, o que será abordado a seguir.

1.2 As oficinas

Foram realizadas quatro oficinas para a produção das unidades, sendo que duas oficinas foram em Belém e as outras duas foram nas comunidades envolvidas. As oficinas em Belém contaram com a participação de toda a equipe do subprojeto, além das equipes dos outros subprojetos envolvidos, do coordenador geral, Luiz Amaral, e da Gestora científica do Museu do Índio, Chang Whan. A seguir reproduzimos uma foto de todos os participantes que estavam na última oficina em Belém e outra foto de uma oficina realizada na comunidade Kolidiki.



Figura 2. Oficina em Belém do Pará, 2023.



Figura 3. Oficina na comunidade Kolidiki, 2023.

As oficinas nas comunidades tiveram a participação da equipe e mais 5 professores indígenas convidados durante a produção das unidades. Na primeira viagem de campo, em março de 2023, fizemos reunião com as lideranças, anciãos (pajé e lideranças), professores e coordenadores das escolas, tanto na comunidade Formoso quanto na comunidade Kolidiki, coletamos e aplicamos questionário sociolinguístico na comunidade; visitamos as escolas que atendem as duas comunidades. Pudemos observar com mais detalhes a situação linguística e a estrutura das escolas que receberão o material. Foram obtidos o documento de anuência, apresentadas as discussões introdutórias do que é o projeto da gramática Pedagógica. Além da revisão de duas

unidades da Gramática, feitas até ali, pelos professores e algumas confecções de desenhos pelos alunos e professores.

Durante a reunião de anuência na comunidade Rio Formoso, houve relatos de que não foram entregues produtos em relação a projeto anteriores de outros pesquisadores, então os professores reclamaram a demora da entrega e o fato de que a distribuição do material nem sempre ser suficiente para todos da comunidade. Reafirmamos os nossos compromissos como pesquisadores de que haverá a distribuição da gramática para a escola da Comunidade, mas relembramos que os processos de produção da Gramática é longo e trabalhoso, demandando certo tempo tanto para produção como para revisão das unidades, além de tempo adicional para o trabalho gráfico de impressão do material.

Ainda na primeira oficina houve a elaboração de um índice preliminar com os tópicos a serem abordados no material e também discussão sobre qual ortografia seria adotada, já que os professores dessas comunidades em geral seguem a ortografia de um material elaborado por Januário & Paresi (2011). Em um processo de trabalho colaborativo é importante que os membros da comunidade consigam “achar” o seu lugar dentre as várias atividades do projeto. Os principais campos de atuação para a colaboração do projeto eram os seguintes: professores da língua, o registro dos eventos, que envolvem a filmagem, registro fotográfico, além de sensibilidade para a escolha dos desenhos que farão parte da gramática. A criação de textos e exercícios juntamente com a coordenadora, que requer capacidade metalinguística e facilidade para desenvolver as unidades no computador, já que isso é feito, na maioria das vezes, no programa de edição de textos. Em certos momentos, por questões de precaução em perder o que foi trabalhado no editor de textos, preferimos usar um caderno para que não perdêssemos os textos, seja por falta de internet ou energia e por uma possível atitude de recorrer ao caderno para recuperar esses registros da gramática.

Percebemos que trabalhar separadamente as estruturas das unidades, em que um professor indígena faz atividades e outro cria um texto para trabalhar aquela unidade, não possibilita relacionar as atividades com o que está expresso no texto ou alcançar o objetivo que queremos que o aluno atinja. Foi necessário trabalhar as unidades em sua totalidade, por isso antes de produzir as partes de cada unidade, a equipe elaborava os objetivos comunicativos e fazia o levantamento linguístico do tópico gramatical a ser abordado. Em cada oficina elaboramos em torno de 4 a 8 unidades, que ainda serão revisadas futuramente. Na seção 2, iremos apresentar os resultados obtidos no subprojeto: o índice, a estrutura das unidades e a organização de dados e metadados no acervo linguístico.

2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O principal resultado foi a elaboração da gramática, que é composta pelo índice, introdução com aspectos gerais sobre o povo e a língua e vinte unidades. Cada unidade foi organizada em 4 partes:

(i) *ehotikitsa kala*, que consiste num texto introdutório (diálogo, história tradicional, narração de um evento do cotidiano, etc) em que aparece pela primeira vez a estrutura a ser estudada;

(ii) *zawaiyekehalakaty kalati*, que consiste na explicação do emprego da estrutura em questão;

(iii) *hokotyaya*, em que aparecem exemplos contextualizados do uso da estrutura em foco;

(iv) *xitsomehena xitsoita*, onde tem-se os exercícios que proporcionam aos estudantes diferentes possibilidades de usar a estrutura estudada na unidade, tanto de forma oral quanto escrita e com atividades que possuem diferentes graus de controle sobre as respostas dadas – isto é, os exercícios vão desde atividades com respostas mais previsíveis até atividades cujas respostas são livres.

Além da elaboração das unidades, o subprojeto tinha como objetivo secundário a documentação da língua e de todo o processo envolvido na produção do material. Dos produtos documentais temos: metadados e arquivos das fotografias (JPEG), vídeos (MP4) e desenhos das oficinas (A4), relatórios dos bolsistas, relatórios de atividades da coordenadora e dos pesquisadores colaboradores. Na seção 2.1, apresentamos as discussões sobre como foram decididos os tópicos gramaticais que fariam parte da gramática e, em 2.2, explicamos como as unidades foram estruturadas, dando exemplos e em 2.3 mostraremos como foi feita a organização dos metadados e arquivos de áudio, vídeo e fotos no acervo.

2.1 Índice da gramática

Cada unidade foi pensada coletivamente, parte pelos pesquisadores indígenas e outra parte pelos não-indígenas. Incluímos tópicos gramaticais que os professores indígenas já haviam trabalhado em suas aulas, ao mesmo tempo que procuramos estabelecer tópicos que nunca haviam sido trabalhados. Para os novos tópicos contamos com a assessoria linguística da coordenadora e dos pesquisadores colaboradores. A preocupação na escolha dessas unidades se deu pelos conceitos e termos técnicos desconhecidos que precisavam ser didatizados para que os pesquisadores indígenas pudessem estabelecer seus entendimentos e explicasse/traduzisse isso para a língua indígena, para que fosse viável que cada tópico/unidade fizesse sentido aos moldes dos conhecimentos tácitos da Língua, do ponto de vista de falantes/professor/aluno. Isso nos remeteu novamente a refletir na metodologia e muitas dúvidas surgiram. Durante as oficinas de produção das unidades, foi possível esclarecer tais dúvidas e contamos com a ajuda do

coordenador geral Luiz Amaral que fazia a assessoria pedagógica para trabalharmos de um modo mais didático o conteúdo linguístico atrelado aos conhecimentos tácitos do aluno e do professor.

Partimos primeiro para a escolha de que tópicos iríamos trabalhar, depois para o planejamento de textos que estariam apresentando aquele tópico e exemplos reais de uso da língua, tanto na parte explicativa, quanto nas atividades. Pensar em situações cotidianas é mais fácil para uma língua em que há falantes, por outro lado tentar encaixá-la ao tópico se tornou difícil, dadas as diferenças das línguas indígenas, eis a importância que os indígenas estão produzindo seus próprios materiais didáticos. O português, uma língua românica têm suas estruturas linguísticas muito diferentes do Paresi e tentar explicar tecnicamente morfemas, verbos, partículas nessa língua é mais fácil para um linguista falante do português do que explicar esse mesmo linguista explicar as estruturas da língua Paresi. Então, pensamos que explicar os aspectos da língua Paresi, seria mais fácil que fosse feito em Paresi pelos professores indígenas que têm mais propriedade para isso, já que além de falantes também são formados na área de linguagem.

Leva-se um tempo para termos novos serem criados em uma língua que, culturalmente, nunca pensou no ensino letrado. Isso levou os indígenas a criarem neologismos para se referir aos tópicos gramaticais para que o conteúdo fosse mais apropriado e mais didático ao ser ensinado para os alunos. Temos então o lado de assessorar linguisticamente, visto que se trata de uma primeira gramática de uso, toda escrita no Paresi. É por esse caminho que intermediamos uma maneira mais formal de ensinar a língua indígena, que faça sentido linguística e culturalmente os termos que irão usar para os tópicos gramaticais. Para que os indígenas possam criar suas próprias explicações, sem empréstimos na língua materna e sem muitas interferências por partes dos linguistas em suas escolhas.

Quando pensamos no tópico plural, unidade 6, explicamos como trabalhamos sua significação, e como esse era uma assunto que já haviam trabalhado em sala de aula, procuraram uma palavra que se referia a plural para servir de modelo. No Paresi a palavra “**kahinaeze**” significa muitos, o que nos trás o sentido de vários, quantidade maior que um, diverso e numeroso. O plural na língua Paresi é marcado pelo sufixo “**nae**” e em alguns casos “**li**”, a partir daí os professores indígenas procuraram contexto em que pudessem encaixar essas marcas do plural. A situação escolhida foi a de um pescador que pescou muitos peixes e conseqüente essa situação comunicativa apresentaria as marcas e nas atividades foi pensado atividades que o aluno pudesse reconhecer a marca de plural e também pudessem escrever um texto correlacionando seu conhecimento linguístico, seja escrevendo um texto ou apresentando ao professor uma situação de fala em que apresenta-se o plural.

Outro tópico escolhido, que ainda não havia sido trabalhado nas aulas de língua materna, foi o “imperativo negativo”. Para esse tópico, da unidade 18, a palavra “mahokwanetyati” conceitua ordem ou pedido. No Paresi, existem vários modos de expressar o verbo, escolhemos o imperativo negativo, expressado pela palavras “awa” que indica a proibição de uma ação. O modo negativo do verbo parece ser bem recorrente nos contextos que os indígenas apresentaram. Assim outros tópicos foram sendo elaborados até atingirmos as 20 unidades para serem entregues.

Na tabela abaixo, apresentamos um panorama das unidades e os tópicos trabalhados em cada uma delas.

Produtos	Unidades	
Produto 2	Unidade 1 - Nomes inalienáveis <i>(partes do corpo)</i> Unidade 2 - Nomes alienáveis <i>(nomes de animais e objetos)</i> Unidade 3 - Demonstrativos Unidade 4 - Pronomes livres Unidade 5 - Marcadores de pessoa nos verbos descritivos	<ul style="list-style-type: none"> - Nohare tahi - Kidyakahare - Hotikitsati - Halitihotikitsakakoane - Hinyahare hotikitsati
Produto 3	Unidade 6 - Plural; números Unidade 7 - Palavras compostas Unidade 9 - Classificadores Unidade 10 - Adjetivos/verbos descritivos Unidade 11 - Verbos de ação Unidade 13 - Causativos Unidade 14 - Advérbios de tempo Unidade 17- Interrogativos	<ul style="list-style-type: none"> - Kahinaeze - Idyati hinyamare - Kahotyaliye hatyoakerehare - Ehareakiti - Wenati - (ainda não nomeada) - Ferakiti tahi - Zazati
Produto 4	Unidade 8 - Neologismos -kala Unidade 12 - Reflexivos -koa <i>(verbos como banhar-se, pentear-se, molhar-se, arranhar-se)</i> Unidade 15 - Advérbios de lugar <i>(ontem/hoje/amanhã) e Futuro (ite)</i> Unidade 16 - Posposições Unidade 18 - Imperativo negativo Unidade 19 - Negação maiha e ma- Unidade 20 - Negação maha iya	<ul style="list-style-type: none"> - Zaroretyakanae - Zawaiyeharetyoati - (ainda não nomeada) - (ainda não nomeada) - Mahokwanetyati - (ainda não nomeada) - (ainda não nomeada)
		Obs: Algumas unidades ainda não foram nomeadas em Paresi

Tabela 2. Panorama dos produtos das unidades da Gramática Pedagógica Haliti-Paresi

Os produtos, como mencionado anteriormente, eram metas que precisávamos cumprir com a finalidade de comprometimento e exigência do edital e da financiadora UNESCO. Para cada produto entregamos em média 5 unidades da gramática

2.2 Estrutura das unidades

Ao iniciarmos cada unidade planejamos primeiros três possibilidades: uma era como o arcabouço linguístico apresenta-se, se são por morfemas, verbos, modos verbais; o contexto comunicativo, ou seja a situação real que evidencie esse arcabouço linguístico e; atividade final que deve trabalhar a progressão de forma que conduza o aluno absorva de forma didática o tópico gramatical. Para as atividades, de uma gramática de uso, pensamos no que o aluno deverá aprender, o objetivo comunicativo, que leva a propiciar o conhecimento linguístico à reflexão, como mencionado em Amaral (2020).

Conseguimos perceber que as estruturas das unidades sempre devem estar relacionadas. Se o tópico gramatical não conter uma apresentação que trabalhe o conteúdo gramatical e explique os conceitos de maneira didática, será mais difícil ter atividades/exercícios que trabalhem uma progressão de aprendizagem. Ao mesmo tempo em que pensamos em como ensinar um conteúdo, conseqüentemente devemos pensar se a aprendizagem estará sendo atingida, caso contrário muitos problemas aparecerão. A metodologia deixa de lado a imposição de nós pesquisadores, pois não queremos impor a metodologia e sim usá-la como auxílio para o ensino da língua e trazer a reflexão linguística tanto dos professores como dos alunos.

As unidades da gramática pedagógica se estruturam em quatro partes: apresentação, explicação, exemplos e atividades. O desenvolvimento das apresentações das unidades devem ser construídas a partir de levantamentos sobre em qual ambiente de uso o tema a ser trabalhado está inserido, dessa mesma forma levantar dados linguísticos que possam ser utilizados dentro desse contexto, dados esses que ajudarão nas outras etapas da unidade, atentando-se que a apresentação servirá de base para que as outras etapas sejam desenvolvidas. A elaboração da explicação propõe demonstrar ao aluno os conceitos gramaticais da língua e através de exemplificações desenvolver percepções do uso nas suas práticas diárias, os exemplos devem ser abordados sem a utilização de termos técnicos, mas abordar uma escrita de fácil compreensão pensando no público alvo que utilizará o material. Por fim a prática do que foi trabalhado na apresentação e na explicação, os exercícios de fixação se materializam em um sistema de progressão equivalente com atividades controladas (questões com respostas pré-estabelecidas, utilizando palavras cruzadas, preenchimento de lacunas, associação de imagens,

entre outras) e atividades livres (questões em que os educandos são direcionados a aplicar o que aprenderam nas atividades controladas, no entanto produzindo respostas mais elaboradas, consistindo na criação de pequenos textos, pesquisas, a escrita de entrevistas feitas em sala de aula.), desse modo a progressão dos exercícios parte de questões que exigem um menor esforço para serem respondidas, para questões que demandam mais concentração para serem respondidas.

Seguindo este processo de estruturação, iniciamos com a apresentação das unidades contendo um trabalho mais dinâmico, fazendo uso de imagens, narrativas, diálogos, cantos, trata-se de uma forma interativa usando meios multimodais, expondo ao aluno um cenário em que o mesmo está habituado, objetiva-se demonstrar ao aluno que o conteúdo trabalhado na gramática faz parte das vivências adquiridas na sua rotina.

Partindo desse pressuposto, utilizamos como exemplo a unidade 18, trabalhando sobre o imperativo negativo. Na apresentação desta unidade, propõe-se uma narrativa fazendo uso do âmbito escolar onde é recorrente a utilização dos imperativos, retratando um cenário envolvendo um diálogo entre os personagens destacando as proibições que caracterizam o propósito da referida unidade. Dessa forma, abordamos a construção da primeira etapa, a apresentação, empregando o contexto de uso do educando, viabilizando a forma e o significados através do meio no qual está inserido.

(Unidade 18)
Mahokwanetyati *(Imperativos)*
Ehotikitsa kala *(Apresentação)*

Hahinae baberaza hoka hatyaotseta zaotyakitsa tidyo kinyatya idyae:
- Awa nikareta hihinae xiye hare hiwatyali.
Neiyo zaore hoka Waiyare maiha tsemita zaidyatyakalaliti
Katse iyeheta kaiyohikwatya hahinae babereza.
Zaotyakitsatidyo nehetya ihiye, awa nikareta hakaiyo hikwatya hihinae baberazanae.
Zoare hoka Waiyare tyakekwawihareza hoka zaidyatyakalati katse iya hoka taikatse kwatya, zaotyakitsatidyo waiya enawenane hoka haki idyaihitiya.
Awa nikareta hataikatsekwatya hihinae zaidyatyala kala katse.
Zaotyakitsatidyo kamiyanitya hazaotyakidya hoka awaiyolinikitsaterenae hahana zeta zaneheta.

(Em uma manhã ensolarada, Ednaldo vai ao seu primeiro dia de aula, em sua mochila ele coloca caderno, lápis, borracha, apontador, caneta e lápis de cor.)

Chegando na sala, Ednaldo chegou fazendo bagunça na sala, sua professora então diz:

- Ednaldo, não faça bagunça.

Mas Ednaldo não estava obedecendo a professora. Então ele pegou o lápis da colega e a professora falou bem alto:

Pare de mexer nas coisas do seu colega.

Porém Ednaldo não ouviu a professora, pegou o lápis e começou a rabiscar o caderno da colega. A professora disse para ele:

- Pare de rabiscar o caderno da colega.

Não satisfeito, Ednaldo pegou o lápis e começou a quebrar em pedaços, a professora viu a situação e novamente deu uma ordem a ele:

- Pare de quebrar o lápis dela.

A professora encerrou a aula e os alunos voltaram para suas casas)

Pab_20231005_js_escola_01.tif

Figura 2. Apresentação da unidade 18.

Após a apresentação inicia-se a etapa da explicação, esta fase é desenvolvida através dos dados coletados a respeito do funcionamento da língua, conceitos que serão explicados com uma abordagem simples que compreenda a classe a ser atendida, dessa mesma maneira será proposto exemplos que reforcem o conceito gramatical apresentado. Na unidade 18, demonstrada na imagem abaixo ilustra como se dá a explicação das unidades, evidenciando o conceito usado para demonstrar ao aluno que a marcação “Awa” faz referência a uma determinada proibição.

Awakehalakatya (Explicação)

wamoka mahokwanetyati ehokoreze enaotse zolani hare. Mahokwanetyati maiha maihaiya Haliti kakware idyaiti awa kakware. **(Utilizamos o modo imperativo para dar uma ordem a alguém. O imperativo negativo é uma proibição, que em Paresi é feita com a palavra awa)**

Hokotyaya : awa hiwyatyali heiye xiyehare. **(Exemplo: pare de mexer nas coisas de seu pai.)**

awa hi-kanakaidya! **(Não coma!)**

Figura 3. Explicação da unidade 18

Por conseguinte finalizamos a estrutura das unidades com as atividades de fixação, consistindo em ter no mínimo quatro questões partindo de alguns níveis de dificuldade, sendo estas atividades controladas, intermediárias e livres. Indica-se que ao elaborar as atividades, a última, ou seja a atividade livre, seja a primeira a ser elaborada, já que visa a atender ao objetivo comunicativo da unidade, sendo uma questão que exige do educando mais conhecimento e autonomia para executá-la com êxito. Nas figuras 4 e 5, ilustramos as atividades produzidas na unidade 18. Na primeira questão, o aluno precisa enumerar as palavras de acordo com as imagens corretamente, palavras já existentes no texto de apresentação, para rememorar e reconectar o aluno ao que já lhe foi apresentado, em seguida percebe-se que a segunda questão mantém o nível de dificuldade, propondo ao aluno perguntas com respostas pré-estabelecidas, objetivando que o educando visualize o quadro com frases, em seguida enumere e reescreva as frases de acordo com as imagens explicitadas. .

Kalimi xitsomehena xitsoitsa (Agora é a vez de você fazerem)

1 - hiyaiya hawahakotya ferozati ana ezaimenekola ana hoka ferozati idyaihi hiye ehokoreze. (Observe o número dos desenhos e numere as palavras corretamente)

Pab_20231005_js_lápis_02.tif

Pab_20231005_js_apontador_03.tif

Pab_20231005_js_caderno_04.tif

Pab_20231005_js_borracha_05.tif

Pab_20231005_js_caneta_06.tif

Pab_20231005_lo_mochila_07.tif

BABERA (caderno)

ZAI DYATYAKALATI (lápis)

ZEMAYARETYAKALATI (borracha)

ZATSOTSOHITSAKALATI (apontador)

ZAI DYATYAKALATI (caneta)

KOLAHARETYOAKALATI (Mochila)

2- hakalyarezatya idyaihi ekatyahezenae hakaferozatya iyakítinae idyaihinae hiyeta hatyaotseta hazaidya hetehtya idyaihinae ehokoreze iyakatinihi katyabe. (Leia as frases abaixo, enumere as imagens de acordo com as frases, em seguida reescreva a frase corretamente embaixo da imagem)

1- Awa himatsemanehare.	(Não faça bagunça)
2- awa hataika ezaidyatyakala.	(Não quebre o lápis dela)
3- awa hitsemaka zawaiyoretya kalatyako.	(Não durma na aula)
4- awa hakaiyohikwatya hihinae baberaza.	(Não rabisque o caderno da colega)
5 -awa hamokotya hihinae.	(Não bata no colega)
6 - awa hatema.	(Não corra)
7 -awa hitsoka zomokaharetyoa kalati heno.	(Não sente na mesa)
8 - awa hakawitsa.	(Não grite)

Modelo:

Pab_20231007_an_brigando_08.tif

Pab_20231007_an_bagunçando_09.tif

Pab_20231007_an_dormindo_10.tif

Pab_20231007_an_correndo_11.tif

Awa hamokotya hihinae

Figura 4. primeira atividade da unidade 18.

Figura 5. segunda atividade da unidade 18.

As questões de nível intermediário pretendem oferecer subsídio para alcançar de forma autônoma a resolução dos casos. Sendo assim, as terceira e quarta questões são formuladas com mais detalhes específicos, como ilustra a figura 6, solicitando ao aluno que identifique e circule a marca de proibição “awa”, pede a transformação das frases negativas para afirmativas, por conseguinte espera que o aluno saiba utilizar a marcação. A quinta questão, demonstrada na figura 7, já exige do aluno a autonomia de elaborar frases utilizando os conhecimentos adquiridos desde a primeira questão.

3 Hahotikitsa mahokwanetyatanae hoka hezahiya hokatya idyaiiti awa. Hoka hatxykiheta eiyey idyaiitnae mahokwanetyati maniya eiyey ekatyaha ezaimenekola akere hare zeta:

(Identifique as proibições, circulando a palavra awa e passe os comandos na afirmativa para a negativa, como no exemplo abaixo:)

Ehotikitsakala: (Modelo)

Hitsokehena okahakalati heno. (Sente na cadeira!)

Awa hitsoka okahakalati heno!

- a) Hazerore awo hazonatya! (Desenhe a ema rapido!)
- b) Awa hakayohitsa hihinyahare baberaza. (não rabisque o caderno da colega)
- c) Awa haitakya ezaidyatyakala (não quebre o lápis dela)
- d) Hazerore hatema! (corre rápido)
- e) Awa hiwyatyaliheye jiyehare (não mexa nas coisas de seu pai)

4 - hiyaiya idyaiitnae ana zoare zamani tyaomita. Hoka hatyaotseta hamahokwanetya idyaiiti awa kakwa. *(Observe as frases e veja ação que está sendo feita por alguém, em seguida você irá proibir está ação utilizando a palavra awa)*

Ehotikitsakala: (Modelo)

a) Matsemanehareta. (Ele está fazendo bagunça).
Awa himatsemanehare (Não faça bagunça).

- b) Edinaldo mokoita hahinyae (Edinaldo está batendo no colega)

- c) Waly temakoita. (Waly está correndo na sala)

- d) Adriana kaiyohitxita babera. (Adriana está rabiscando o caderno do colega)

- f) nemaita enakota. (Ele está dormindo na sala de aula)

- g) kkemi zawatita babera waiyekyoo. (Jéssica está jogando papel no chão)

- h) Ana matsemanehareta. (Ana está fazendo barulho)

- i) Waly tyokita zomokwaharetyakalati heno. (Waly está sentando na mesa)

5- hidyae hihinyae kakwa zoalini hare tahi maeha zoare tyomare zaotyakiyako.kalini hiyakaihakatya hitso zaotyakitsatye hiye kaidyayakitere mahokwanetyati awa.

(Converse com seu colega sobre coisas que não se pode fazer em sala de aula. Agora faça de conta que você é o professor e proíba essas ações utilizando o awa)

Figura 6. Terceira e quarta atividade da unidade 18 **Figura 7.** Quinta atividade da unidade 18

Em vista disso, compreende-se que a estruturação das unidades da gramática pedagógica implica no crescimento e fortalecimento gradual dos assuntos abordados, visando projetar ao aluno um meio educacional que resgate sua vivência como forma de aprender, promovendo aos estudantes a diversidade do ensino.

2.3 Acervo digital

O acervo digital Paresi do Museu do Índio organizado ao longo do subprojeto está constituído por materiais de documentação produzidos durante as oficinas (gravação audiovisual, fotografia, desenhos e planilha de metadados, etc.). Recebemos orientações da equipe técnica de Gestão Técnica de Acervos Digitais, do Museu do Índio, além das orientações obtidas através do “Manual de Normas e Procedimentos para a Gestão de Subprojetos⁸”, que contém orientações gerais e instruções de identificação, rotulação e descrição em planilhas dos documentos digitais oriundos do projeto da gramática pedagógica.

A descrição e os metadados são elementos importantes para a salva e guarda de toda documentação produzida durante o projeto. Facilita o acesso aos arquivos futuramente. Todos os documentos que foram arquivados estarão disponíveis na base de dados do Museu do Índio

⁸ Documento que regem os procedimentos e cuidados com a organização do material produzido pelos subprojetos das Gramáticas Pedagógicas.

e poderão futuramente ser acessados pelo povo Paresi e comunidade acadêmica.

Todo material em vídeo se refere à sessão de anuência, e diálogos com a comunidade à implantação do projeto. Há sessões de implementação dos procedimentos da metodologia da gramática conduzidas pela coordenadora, pelos pesquisadores colaboradores e os bolsistas indígenas. As fotografias também capturadas, se referem a todo trabalho, desde as oficinas, reuniões de anuência e todo trabalho da equipe Paresi. Os desenhos fazem alusão às unidades da gramática, seja para ilustrar o tópico gramatical abordado, apresentação de cada unidade ou alguma atividade que precise de um suporte imagético. Os documentos digitais da pós-produção das atividades foram entregues em formatos de vídeo como MP4, e em fotos como JPEG, JPG, TIFF são padrões de alta qualidade. São depositadas diretamente no armazenamento em nuvem. Essa medida visa a preservar a qualidade original das fotos e vídeos, que teria de ser reduzida para uma menor resolução, caso não tivéssemos um armazenamento em nuvem. Arquivos doc ou pdf com fotos muito pesadas tendem a se corromper mais facilmente, perdendo a resolução.

Em relação aos desenhos foram escaneados em formato de imagem TIFF e JPG, a partir dos documentos físicos, que também seguiram a mesma disposição para sua identificação, utilizamos preferencialmente papel A4, lápis de cor e grafite para identificação de desenhos originais, depois de escaneados, consideramos as mesmas orientações de rotulação para as fotografias digitais, nos atentando para a qualidade de arquivos digitais gerados a partir do documento A4, em formato digital. Separamos as planilhas de cada arquivo digital em: planilhas de vídeo, de fotografias e desenhos.

Os metadados são informações adicionais que descrevem os dados dos arquivos no próprio arquivo digital. Assim, deve-se mencionar o conteúdo, data, local e as pessoas que participaram da produção usando abreviações ou códigos. São informações extras, além do conteúdo, que acrescentamos aos dados, com objetivo de informar-nos sobre eles, para tornar mais fácil o acesso. É uma etapa da documentação imprescindível para que possamos organizar os dados em um acervo e, ainda, divulgar virtualmente nos canais de comunicação do Museu do Índio.

O Museu segue seu próprio padrão de identificação e codificação dos registros documentais para cada item a ser rotulado, seja um áudio, vídeo, fotografias, desenhos ou objetos. Os Projetos utilizam uma norma de identificação dos registros documentais que insere, em cada registro, uma codificação padronizada em rótulo que permite a recuperação individual dos contextos documentais a partir do nome de cada item. No quadro abaixo, veremos um exemplo, de identificar a forma de apresentação dos dados que devem constar no nome dos

arquivos digitais.

ITEM	eee_aaaammdd_aa_xx_descriçãomínimadoevento_nn.formatodigital
eee (Padrão ISO 639-3)	Sigla da etnia
aaaammdd	Sigla da data, dividida da seguinte forma: quatro dígitos para o ano; dois dígitos para o mês; dois dígitos para o dia.
aa	Sigla do autor ou autores
descrição	Depois da sigla de autores, acrescenta-se a descrição do evento, do que se trata.
xx	Sigla do falante (Apenas para Áudios)
nn	Qualificador (numeração em ordem de produção)
	Deve-se utilizar apenas letras minúsculas sem acentuação ou caracteres especiais. Para separar campos deve-se utilizar underline, e para incluir mais de uma informação no mesmo campo, deve-se utilizar hífen. Depois de qualificar, e especificamente na hora de colocar os metadados em uma planilha deve-se colocar o formato do arquivo.

Tabela 3. Identificação e rótulos dos metadados

Existem muitos programas hoje em dia, que podemos rotular em massa, uma grande quantidade de arquivos. Usamos uma ferramenta do programa *Total commander* que rotula arquivos digitais, o que favoreceu acrescentar essas informações dos metadados com mais agilidade. No projeto, para termos uma ideia, foram capturadas em média mais de 700 fotografias e selecionadas pouco mais de 300 fotografias.

Com relação às planilhas, as informações sobre metadados de cada arquivo foram preenchidas em documento no formato docx. Os modelos de planilha também constam no “Manual de Gestão Científica do Museu”. As planilhas devem conter um rol de itens que pertencem ao mesmo grupo, ou seja, deve-se fazer uma planilha de conteúdos apenas de áudio ou apenas de vídeos etc. Tendo assim, por exemplo, a planilha do “*Conjunto de áudio do Projeto X*” ou ainda “*Conjunto de Vídeos do Projeto Y*”. Os modelos da Planilha vem com as seguintes informações dos itens a serem preenchidos: rótulo; duração (quando trata-se de áudio ou vídeo); título da cena ou fotografia; descrição do conteúdo (contendo motivação do registro, nome dos participantes, local, evento), técnica, suporte utilizados e dimensões (quando refere-se a desenhos), autor (para fotografias digitais). Para a identificação das planilhas são

preenchidas informações gerais como, por exemplo: subprojeto; produto; pesquisador/a coordenador; etnia; local; período; autor(es); título do conjunto; data da entrega do material; quantidade de imagens entregues e formato; equipamento utilizado.

O projeto da gramática Paresi conta com um total de 385 fotografias digitais, 77 desenhos e 10 vídeos, com suas respectivas planilhas de metadados e arquivos físicos originais (os desenhos em papel A4) enviados para o Museu. Todos produzidos a partir das oficinas e das reuniões durante o período de produção das unidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos um relato sobre a experiência obtida ao longo do subprojeto da Gramática Pedagógica Haliti-Paresi, que assim como outros subprojetos citados, teve como proposta colocar em prática o framework criado para a produção de materiais pedagógicos por Amaral (2020). Também constituiu-se de um arcabouço teórico advindo das contribuições como a de: COSTA, (2022), FERREIRA, (2020) e GOMES (2019) para construir uma contextualização e analisar as possibilidades presentes na literatura consultada para a desenvoltura da pesquisa.

Nosso principal desafio foi o de adaptar essa metodologia ao contexto cultural e educacional Paresi, já que a metodologia destaca a necessidade de levar em consideração aspectos linguísticos, pedagógicos e culturais. O texto também discutiu os pedidos, orientações pedagógicas e intervenções propostas encaminhadas nas diversas atividades para que pudéssemos alcançar os resultados obtidos.

Esperamos que os professores indígenas Paresi ou de outras etnias possam utilizar-se dessa metodologia para o desenvolvimento de futuros materiais. No contexto atual em que os docentes devem atualizar suas experiências com temas e o modo como operam suas aulas, é de fundamental importância para que atualizem diante de uma sociedade que está em constante mudança para construção de materiais que abordem o contexto cultural, que tem importante contribuição cidadã, valendo-se tanto do ponto de vista os professores como dos alunos pois compartilham o mesmo âmbito social, mas tem perspectivas diferentes por terem suas experiências particulares, ainda mais se tratando de materiais para os Povos Indígenas. Afinal, deseja-se que este material possa servir como valor cultural de um povo.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos a declarar.

LINK PARA PREPRINT

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados, códigos e materiais que suportam os resultados deste estudo estarão disponíveis futuramente no site do Museu do Índio.

ÉTICA EM PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada conforme os princípios delineados pelo Relatório Belmont, além de terem registro de anuência das comunidades indígenas Paresi envolvidas no subprojeto. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética da instituição responsável pela pesquisa.

PROTOCOLO E PRÉ-REGISTRO DE PESQUISA

Os autores afirmam que o relato de pesquisa descrito faz parte do Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural dos Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica através da Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI, por meio do Museu do Índio, em cooperação internacional (Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores – ABC/MRE e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO).

FONTES DE FINANCIAMENTO

Projeto 914BRZ4019 – UNESCO – Contrato SA-3342/2022– Coordenadora do Subprojeto Paresi-Haliti Ana Paula Barros Brandão.

Referências

AMARAL, Luiz. Um framework para projetar materiais pedagógicos em línguas indígenas: exemplos do Brasil e do México. *Tellus*, 20(43), 145–166.2021. <https://doi.org/10.20435/tellus.v20i43.702>. Acesso em: 16 dezembro 2023

_____, Luiz. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, 2020, p. 01-44.

ÂNGELO, Francisca Navantino Pinto. **Educação Escolar Indígena entre os povos de Mato Grosso: Cinco casos, Cinco estudos**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

BRANDÃO, Ana Paula. **A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Pós-Graduação em Linguística, University of Texas at Austin. Austin. 2014.

BRANDÃO, Ana Paula Barros. **Verb mophology in Paresi-Haliti (Arawak)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Pós-Graduação em Linguística, University of Texas at Austin. Estados Unidos. 2010.

BRANDÃO, ANA PAULA; ZEZOKIWARE, Jurandir. A documentação participativa: o caso das línguas Paresi- Haliti e Enawene Nawe. **MOARA**, v. 1, p. 87, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18542/moara.v1i50.6815>

COSTA, Isabella Coutinho. Trabalhos colaborativos com povos indígenas: o saber acadêmico e o tradicional na elaboração de materiais didáticos. **Revista Letras**, [S.l.], v. 101, mar. 2021. ISSN 2236-0999. Disponível em doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v101i0.72685>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FERREIRA, R. V. Uma reflexão sobre material didático e descrição linguística. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 01–18, 2020. DOI: 10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id216. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/216>. Acesso em: 04 jan. 2024.

GOMES, Antônio Almir Silva. Interculturalidade e decolonialidade na educação escolar indígena: o papel da língua indígena. In: Antonio Almir Silva Gomes. (Org.). **Ensino de Línguas e Educação Escolar Indígena**. 1ed. Macapá: Editora da Unifap, 2019, v. 1, p. 14-29

KEZOMAE, Angelo. **Dicionário de palavras em desuso e seus correspondentes atuais. 2006. Trabalho de conclusão de curso.** (Licenciatura Intercultural Indígena) - Faculdade Indígena Intercultural, Universidade Estadual do Mato Grosso, Barra do Bugres, 2006.

LIMA SOSINHO, Larissa Wendel de. **Variação lexical em Paresi-Haliti: levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

MESQUITA, Amanda Medeiros Costa de. **Proposta inicial de um glossário etnoterminológico da fauna em Paresi (aruák) - português.** 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística e Teoria Literária) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023

MESQUITA, Amanda Medeiros Costa de. **Verbo ou adjetivo? Análise inicial das palavras descritivas em Paresi (Aruák).** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018

MESQUITA, A.M.C. Nova proposta de classificação das construções intransitivas em Paresi-Haliti (aruák). In: I CONGRESSO DE LÍNGUAS INDÍGENAS DE MATO GROSSO, 2017, Barra dos Bugres. Descrição e documentação de línguas indígenas Este eixo reúne trabalhos que tratam dos aspectos fonéticos e fonológicos, morfológicos e sintáticos de línguas indígenas de Mato Grosso. v. 1.

MESQUITA, A.M.C. Análise inicial das construções estativas e traço de controle em Paresi. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DA AMAZÔNIA, 2016, Belém. CADERNO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS. BELÉM: Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, 2016. v. 1. p. 375-384.

NAZOKEMAI, P.; FERREIRA, W. A. A. Conhecimento Tradicional Haliti - Paresi: Encontros e Desencontros em Período de Covid-19. Em: RELATOS DE EXPERIÊNCIA - SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, 29. , 2021, Cuiabá. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 498-502.

PARESI, Rony; JANUÁRIO, Elias (Eds). **Zozoiterô: ikya haliti-kozarene zako wawaiyore wazaidyatya wakaiyarezatya - Vamos aprender a ler e escrever no idioma Haliti-Paresi**. Cáceres: Editora UNEMAT. 2011.

PEREIRA, Everton dos Santos. **Estudo histórico-comparativo preliminar das línguas Paresi e Enawene Nawe**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

RUBIM, A. C. ; SANTOS, G. S. A Árvore dos Peixes: análise dos aspectos epistemológicos na elaboração de material didático para o ensino de línguas indígenas. In: Andrade; Enaile Iadanza; Celia Matsunaga. (Org.). Amazônia em tópicos [**recurso eletrônico**]. 1ed.Brasília: Brasília : Universidade de Brasília, 2021, v. 1, p. 94-119.

SHARWOOD SMITH, Michael. **Input Enhancement in instructed SLA: theoretical bases**. Studies in Second Language Acquisition, v. 15, p. 165-79, 1993.

SILVA, Glauber. **Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____, Glauber. **Fonologia da Língua Paresi-Haliti**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós- Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Glauber; ZEZOKIWARE, Jurandir. (Org.). **Livro de narrativas Paresi-Haliti**. 1. ed. 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. Ed. 3°. Ampl. São Paulo: Contexto, 2011.

VANPATTEN, Bill. Input Processing in Adult Second Language Acquisition. In: VANPATTEN, Bill; WILLIAMS, Jessica (Org.). **Theories in Second Language Acquisition**. Mahwah, NJ: Routledge, 2007. p. 115-136

ZEZOKIWARE, Jurandir. **A polissemia em Paresi**. Trabalho de conclusão de curso. 2016. (Licenciatura Intercultural Indígena) - Faculdade Indígena Intercultural, Universidade Estadual do Mato Grosso, Barra do Bugres, 2016.

ZEZOKIWARE, Jurandir. **Narrativas orais em sala de aula: A história e o canto de Kokotero**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino e Contexto Indígena Intercultural) - Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Universidade Estadual de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2023.

ZORTHÊA; Kátia et al (org.). **Waimare**. Cuiabá: SEDUC, 2000.

ZORTHÊA; Kátia et al (org.). **Kosarene**. Cuiabá: SEDUC, 2000.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.